

A CONSTRUÇÃO ARGUMENTATIVA NO GÊNERO ARTIGO CIENTÍFICO EM DIFERENTES CAMPOS DO CONHECIMENTO

Nara Gleisia Ferreira

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) -Instituto de Educação Continuada (IEC).

Resumo
presente trabalho analisa a construção argumentativa do

artigo científico em diferentes campos do conhecimento, a partir do exame do modo como o enunciador se constrói nos textos. A pesquisa visa a oferecer contribuições para a atuação do revisor, tendo em vista sua necessidade de atuação em diferentes áreas de conhecimento na esfera acadêmica.

Palavras-chave: Construção argumentativa. Gênero Artigo científico. Revisor de textos.

Introdução

A despeito de inúmeros trabalhos que se dedicam à investigação do discurso científico, pode-se dizer que o funcionamento da sua construção argumentativa em diferentes campos do conhecimento é algo ainda imerso em um mundo de relativo mistério, pois existe uma lacuna na área dos estudos sobre o funcionamento dos gêneros acadêmicos, que pouco tem se dedicado a estudos comparativos.

O estudo da construção argumentativa dos textos perpassa a atividade de colocar a língua em funcionamento. Assumindo a linguagem como um fenômeno histórico vinculado à vida social e a língua como interação, os enunciados (sejam eles orais ou escritos) refletem condições e finalidades específicas de cada



Nana Greisia Echaciba

campo da sociedade, ou seja, todo enunciado está organizado a partir de um determinado gênero em função de uma intenção comunicativa determinada pelos usos sociais. Assim, as escolhas feitas pelo enunciador, no ato da produção, não são aleatórias – mesmo que possam ser vistas como inconscientes –, elas são antes decorrentes das condições de instauração do discurso (BAKHTIN, 2003).

Sabendo disso, é possível imaginar que existem especificidades, considerando o campo de conhecimento em que se inscreve o texto acadêmico, no modo como o enunciador (que marca a autoria do texto científico) se constrói. Nesse contexto, este texto ambiciona compreender um conjunto de questões, representadas pelas perguntas que se seguem: como o enunciador do artigo se constrói no texto, consideradas as pessoas do discurso que emergem? Como os operadores argumentativos atuam, com frequência, nesses textos, independentemente do campo? Com qual finalidade? Existe uma regularidade em relação aos mecanismos enunciativos nesses textos, tendo em vista a construção do enunciador?

Diante disso, e sabendo que a atuação do revisor, uma vez que ele lida e pode lidar com diferentes campos do conhecimento, exige que ele tenha conhecimento sobre o funcionamento de vários gêneros textuais, meu objetivo, neste artigo, é analisar a construção argumentativa do artigo científico em diferentes campos do conhecimento, observados os aspectos anunciados nas questões propostas acima.

Para isso, optou-se por analisar um conjunto de nove artigos científicos, sendo três de cada área de conhecimento, ou seja, foram analisados três artigos de três áreas distintas – Enfermagem, Linguística e Psicologia –, todos eles publicados em periódicos com conceito Qualis Al¹.

Na próxima seção, apresentarei noções teóricas que sustentam a pesquisa, sobretudo que permitem investigar e discutir a construção argumentativa do artigo científico.

Pressupostos teóricos

A linguagem científica pode ser descrita como uma linguagem que busca mostrar-se objetiva, clara, precisa, essencialmente informativa; que utiliza dados concretos, a partir dos quais se estabelecem análises, comparações, sínteses, etc. Com base nesse mesmo ponto de vista, a linguagem científica, no âmbito

1 Os artigos foram coletados das revistas Psicologia: Reflexão e Crítica, Psicologia: Teoria e Pesquisa, Linguagem em (Dis) curso, Revista Latino-Americana de Enfermagem durante o mês de outubro de 2014.



Naka Creisia Eekkeika

da ciência, é vista como capaz de descrever de forma verdadeira o fenômeno estudado a fim de transmitir conhecimentos e/ou informações.

Muitos estudos se voltam para a investigação dos gêneros acadêmico-científicos (GROSSMANN, 2015; TUTIN, 2015; COSTA, 2011; DELCAMBRE; LAHANIER-REUTER, 2015; BOCH; GROSSMANN, 2015; ASSIS, 2015), analisando a escrita a partir de aspectos que abarcam as especificidades estruturais, lexicais e enunciativas que caracterizam esses gêneros. Esses estudos dão conta de que os textos científicos são vistos frequentemente pelos iniciantes nessa prática como dotados de um forte apagamento enunciativo na medida em que sua construção se dá por meio da mistura entre os modos de pensar do autor e os de uma dada comunidade científica, além de serem textos fortemente marcados pela dimensão retórica (TUTIN, 2015).

Costa (2011, s/p apud LEIBRUDER, 2002) afirma que o gênero acadêmico-científico fundamenta-se em "convenções linguísticas próprias ao texto científico", por exemplo: linguagem objetiva, concisa e formal; nominalizações; vocabulários técnicos; emprego de 1ª pessoa do plural, etc. Para Costa (2011 apud LEIBRUDER, 2002), essas convenções (aqui entendidas como mecanismos argumentativos) produzem veracidade e legitimidade ao discurso proferido, além de promoverem o afastamento do "eu" e neutralidade ao discurso,

resultando em uma espécie de inquestionabilidade do discurso proferido. Porém é falsa essa impressão de neutralidade passada no discurso científico, pois a escolha do tema e a forma como o texto será construído prova a existência de um sujeito do discurso (COSTA, 2011, s/p).

De modo geral, essas características próprias do discurso do texto científico, se valendo da intertextualidade, de estratégias que tentam apagar as marcas de subjetividade e da construção de uma postura de autor (DELCAMBRE; LAHANIER-REUTER, 2015), inviabilizam a definição de um estilo científico universal (GROSSMANN, 2015), contudo "isso não impede de reconhecer uma tendência à aproximação das formas discursivas científicas, nem de negar as influências recíprocas ligadas à modalização da ciência para o desenvolvimento de normas, que se traduzem por certas tendências comuns" (GROSSMANN, 2015, p. 105), pois são utilizadas por diferentes disciplinas.



"Existe um ar familiar entre esses diferentes usos que colore o conjunto dos discursos científicos" (GROSSMANN, 2015, p. 105).

Em suma, a escrita científica é um fenômeno cultural e sua organização está condicionada pelas características culturais específicas, adequando-se ao contexto próprio da sociedade que as produziu (GROSSMANN, 2015).

Essa escrita científica está dividida em muitos gêneros, por exemplo, monografia, dissertações, teses, artigos científicos, etc. (COSTA, 2011, s/p). Como dito anteriormente, este trabalho volta-se apenas para o gênero artigo científico. Segundo a ABNT (NBR 6022, 2003, p. 2), o artigo científico é uma "publicação com autoria declarada, que apresenta e discute ideias, métodos, técnicas, processos e resultados nas diversas áreas do conhecimento". É o resultado de um estudo, com dimensão reduzida que busca comunicar de forma objetiva e clara as ideias; a fim de servir como elo entre as descobertas e os demais cientistas e pesquisadores da área de conhecimento, buscando contribuir "não só para a ampliação de conhecimentos ou a compreensão de certos problemas, mas também servirem de modelo ou oferecem subsídios para outros trabalhos" (COSTA, 2011, s/p apud LAKATOS; MARCONI, 1996).

No aspecto que interessa a este trabalho, antes de abordarmos a estrutura argumentativa de um texto, é preciso dizer o que entendemos como texto. Denomina-se texto o "resultado parcial de nossa atividade comunicativa, que se realiza por meio de processos, operações e estratégias que têm lugar na mente humana e são postos em ação em situações concretas de interação social". (VILELA; KOCH, 2001, p. 453). Assim, é possível afirmar que quase todo texto possui uma estrutura argumentativa, uma vez que todo enunciador pretende que o seu enunciatário acredite no que é enunciado, dessa forma é a estrutura argumentativa que determina se um texto é ou não um texto argumentativo (VILELA; KOCH, 2001).

Segundo Vilela e Koch (2001, p. 547), a estrutura argumentativa de um texto possui elementos específicos de coesão e coerência, que marcam a ordenação dos argumentos (por exemplo: em primeiro lugar, em segundo lugar, por último, etc.) ou a conexão entre os argumentos (por exemplo: como: já que, assim, posto que, de modo que, em conclusão, etc.). Além de estar relacionada diretamente com a estratégia argumentativa.



A estratégia argumentativa prevê "um conjunto de condições sob pena de falhar a demonstração" (VILELA, KOCH, 2001, p. 547): a) os argumentos precisam ser de fácil entendimento; b) o ato de argumentar busca convencer como perlocução; c) enunciador e enunciatário podem interagir por conectores de introdução de argumentos (por exemplo: já que, pois que, dado que, efetivamente, etc.) e por conectores introdutores de conclusão (por exemplo: portanto, então, nesse caso, etc.) (VILELA, KOCH, 2001).

De forma a pensar a organização do texto, recorro ao modelo proposto por Bronckart (1999), por meio do qual o texto é visto como "constituído por três camadas superpostas" (BRONCKART, 1999, p. 119): a infraestrutura geral do texto (refere-se à organização do conteúdo temático), os mecanismos de textualização (são aqueles responsáveis pela coerência temática: conexão, coesão nominal e coesão verbal) e os mecanismos enunciativos (mantém a coerência interativa do texto e evidenciam o posicionamento enunciativo e as diversas avaliações) (BRONCKART, 1999).

Em diálogo com esse quadro, destaco a relevância de noções como operadores argumentativos, posicionamento enunciativo, vozes e modalizadores, relevantes para a discussão em tela.

Os operadores argumentativos são palavras ou expressões que "têm por função indicar ("mostrar") a força argumentativa dos enunciados, a direção (sentido) para o qual apontam" (KOCH, 1992, p. 30); além de estabelecer a ligação e a coesão entre duas orações. Eles são responsáveis por mediar as várias vozes, ou seja, eles estabelecem o diálogo entre as perspectivas – pontos de vista –, portanto, ao produzirem essa ligação, acabam por promover a progressão textual, além de evidenciarem qual o tipo de relação (causa, consequência, conclusão, oposição, soma, finalidade) é estabelecida pelo autor na construção do enunciado.

Já o posicionamento enunciativo, segundo Bronckart (1999, p. 130), é quando o autor-produtor do texto posiciona-se em relação a uma dada situação ou, ainda, atribui a autoria do enunciado a terceiros (por meio de expressões como: segundo x, alguns filósofos pensam que, etc.).O mesmo autor afirma que ao se enunciar o autor do texto é capaz de criar

um (ou vários) mundo(s), discursivo(s), cujas coordenadas e cujas regras de funcionamento são "diferentes" das do mundo empírico em que está



mergulhado. Assim, é a partir desses "mundos virtuais", e mais especificamente a partir das instancias formais que os regem (textualizador, expositor, narrador), que são distribuídas e orquestradas as vozes que se expressam no texto (BRONCKART, 1999, p. 130).

Uma vez que o enunciador criou esse mundo, automaticamente, é estabelecida uma relação direta e estreita entre autor e as vozes por ele gerenciadas. As vozes são, então, a marca da autoria do discurso, é de quem é "a responsabilidade do dizer" (BRONCKART, 1999, p. 326). A partir do texto é possível identificar (o autor consegue evidenciar) uma ou várias vozes, Bronckart (1999) agrupa essas vozes em três categorias: vozes de personagens (são os agentes dos acontecimentos narrados), vozes de instâncias sociais (são personagens, grupos ou instituições sociais que apesar de não serem agentes dos acontecimentos avaliam alguns aspectos desses acontecimentos) e a voz do autor (o autor da produção textual, aquele que comenta ou avalia alguns aspectos do que é enunciado).

Por fim, "as modalizações têm como finalidade geral traduzir, a partir de qualquer voz enunciativa, os diversos comentários ou avaliações formulados a respeito de alguns elementos do conteúdo temático" (BRONCKART, 1999, p. 330).

Resultados e discussão

A fim de analisar a construção argumentativa do gênero artigo científico, tomando o modo como, em Enfermagem, Linguística e Psicologia, o enunciador do artigo se constrói no texto, considerando, primeiramente, as pessoas do discurso que emergem, fez-se o levantamento das formas que remetem ao enunciador (instância de autoria) e/ou ao texto por ele escrito. Vejamos, então, a tabela:



Tabela 1 - As pessoas do discurso

	Pessoas do discurso		Número de ocorrências
Enfermagem	1ª pessoa	(singular)	-
		(plural)	-
	2ª pessoa	(singular)	-
		(plural)	-
	3ª pessoa	(singular)	47
		(plural)	16
Linguística	1ª pessoa	(singular)	-
		(plural)	155
	2ª pessoa	(singular)	-
		(plural)	-
	3ª pessoa	(singular)	34
		(plural)	6
Psicologia	1ª pessoa	(singular)	-
		(plural)	29
	2ª pessoa	(singular)	-
		(plural)	-
	3ª pessoa	(singular)	25
		(plural)	2

Fonte: Elaborada pela autora

Nesse ponto, faz-se necessário mencionar que, durante a seleção do *corpus*, optei por trabalhar com artigos coletivos, pois, após um longo período de leitura, percebi que, normalmente, a maioria dos textos publicados pelas áreas de Enfermagem e de Psicologia eram artigos coletivos. Isso me levou, portanto, a selecionar, também para a área de Linguística, trabalhos produzidos em coautoria. Sendo assim, os nove artigos avaliados neste trabalho foram escritos por pelo menos dois autores, o que explica a ausência de uso da primeira pessoa do singular na tabela 1.



Note-se que não foi encontrado nenhum registro de primeira pessoa do plural nos textos da área de Enfermagem. Os artigos dessa área foram escritos na terceira pessoa, escolha que resulta em textos mais impessoais; a responsabilidade sobre o dizer não é marcada como sendo dos autores analisados. O emprego da terceira pessoa funciona como uma estratégia que busca promover certa neutralidade ao discurso.

Em relação aos textos da Linguística e da Psicologia, a análise nos permitiu verificar que, nos textos dessas áreas, podemos encontrar o uso da primeira pessoa do plural e da terceira pessoa do discurso. O ponto de encontro dessas escritas é a utilização da primeira pessoa do plural. Sobre esses dados, cabe esclarecer que o uso da primeira pessoa do plural pode se revelar de várias formas: o chamado *nós* da modéstia, em que se marca a responsabilidade do dito de forma um pouco mais atenuada do que com a primeira do singular; o *nós* inclusivo (eu + os leitores; eu + demais membros da comunidade em que me insiro; eu + toda e qualquer pessoa; por exemplo) marca o compartilhamento de posições, opiniões ou mesmo ações.

A partir dos dados retratados na tabela, é possível dizer que a Linguística é um campo marcado pela utilização da primeira pessoa do plural e que os textos da Psicologia mantém certo equilíbrio quanto ao uso da primeira pessoa do plural e da terceira pessoa do singular. Ao utilizarem a primeira pessoa do plural os autores se colocam como agentes da produção textual, assumindo e/ou posicionando-se sobre o que se enuncia. Em relação à utilização da terceira pessoa do singular (casos de passiva, indeterminação e aqueles em que a terceira pessoa remete ao próprio estudo), nas duas áreas esse recurso foi utilizado objetivando focalizar a ideia (a tese, a opinião), ou seja, em certa medida, não interessava quem dizia e sim o que se dizia; essa generalização amplia o alcance do discurso, uma vez que não restringe a fala a uma única pessoa.

Feitos esses primeiros comentários sobre os dados, passemos ao exame de alguns exemplos do *corpus* que, apesar de pequeno, permite promover algumas verificações significativas relacionadas ao estudo. Vejamos o exemplo a seguir:

(1) Em psicanálise, chamamos de sintoma essa solução, considerando que o sintoma uma situação conflitiva na qual simultaneamente realiza-se uma defesa e um desejo.

O trecho acima mostra um tipo de uso da primeira pessoa do plural (nós); a voz que aparece é a soma das vozes: do autor do



artigo e dos membros da comunidade de Psicanálise. Aqui o enunciador é parte integrante do discurso do meio científico (ele partilha das mesmas ideias da comunidade científica a qual está inserido), ou seja, o autor do texto assume em conjunto com a comunidade a qual pertence à responsabilidade do que se diz, reforça o coro desse meio social. Argumentativamente, ao se colocar como parte desse grupo de pensadores, a voz do autor ganha maior alcance e mais força. A junção dessas vozes permite que o enunciador coloque em cena a sua própria voz.

A primeira pessoa do plural também foi utilizada, no *corpus* analisado, para caracterizar o autor do texto ("eu", que escrevo). Observamos que, em alguns momentos, os artigos analisados apresentam esse uso como forma de evidenciar a voz do autor do texto. Nessa medida, essa utilização orienta para exposição de um objetivo ou para conclusão de um enunciado, expõe/finaliza uma dada visão sobre um determinado tema (a tese apresentada durante a construção do artigo). Normalmente, esse uso está ligado à exposição de ações comuns à escrita do texto científico. Vejamos:

- (2) Concluímos relevando a importância da palavra, e o que dela escapa, na localização e mudança de posição subjetiva do adolescente, notadamente autor do ato infracional.
- (3) Neste trabalho, **procuramos** fazer uma reflexão sobre a formação de professores de língua portuguesa, alunos do PARFOR.

Percebemos, ainda, nos dados, o uso dessa pessoa do discurso, especificamente, por meio dos verbos como "observemos" e "vejamos". Essa utilização evidencia a voz dos enunciadores; são os autores dos artigos que dizem e não o *outro* (os teóricos). Além disso, a partir desse uso o autor convida o leitor a participar ativamente do processo de leitura, permitindo construir suas próprias conclusões mediante as informações fornecidas. Aqui o nós (eu - o autor - e o leitor) cria uma situação de cumplicidade entre o autor e o leitor provocando maior aproximação entre eles. Trata-se de uma ação conjunta na qual a estrutura argumentativa construída permite ao autor apresentar sua tese de tal forma que ela passa a pertencer a todos os envolvidos no processo de leitura do artigo. Ou seja, essa estrutura organiza os dados de maneira simples permitindo ao leitor identificar e acompanhar, passo a passo, a apresentação da tese (que nessa altura já se tornaram um pouco do leitor também), a partir disso o leitor consegue após analisar os dados



saber nitidamente qual foi à posição assumida pelo enunciador, sobretudo consegue tirar suas próprias conclusões.

Os enunciadores dos artigos científicos analisados também se valem do uso da terceira pessoa ora para falar sobre o próprio estudo (uma espécie de metadiscurso), ora para falar sobre outros autores. O próprio discurso aparece marcadamente por meio das expressões: "O presente estudo", "os resultados do presente estudo", "esta amostra", trata-se do estudo falando do próprio estudo. Essas expressões metonímicas, não provocam o apagamento do autor. Na verdade, elas tentam apagar as marcas de subjetividade e da construção de uma postura de autor, contudo "o emprego dessas expressões não impede, em princípio, de colocar e afirmar um posicionamento, com ajuda do verbo" (TUTIN, 2015, p. 157). Vejamos o exemplo:

(4) Essa análise, ainda preliminar, aponta um caminho a ser construído, que deve estar alicerçado em políticas nacionais, que abram espaço para a produção dos mestrados profissionais, com desenvolvimento de tecnologias voltadas ao cuidado/ prática assistencial, possibilitando a prática profissional fundamentada em evidências.

Nesse trecho, observamos que não houve propriamente o apagamento do autor na medida em que a expressão "essa análise" é a representação do autor, posto que a análise foi feita pelo autor do texto, então é ele quem "aponta um caminho". Pode-se dizer, no entanto, que, por meio desse recurso, não se coloca em evidência a responsabilidade agentiva da análise. Com relação a esse uso, é preciso levar em conta a natureza do verbo – apontar – que carrega, de algum modo, o posicionamento do autor relativamente à análise; noutros termos, há a manifestação de uma avaliação, apreciação.

O uso da passiva é outro recurso recorrente nos textos analisados. Esse permite ao autor da produção textual generalizar e ampliar o poder de alcance do discurso, além de promover o apagamento enunciativo. Ao optar pela voz passiva o enunciador do texto focaliza a ideia (o conceito ou o resultado da discussão), colocando em segundo plano quem a criou. Podemos afirmar, também, que o tom impessoal ocasionado, no discurso, pela voz passiva não permite que o enunciatário seja capaz de definir quem é o dono da ação, nessa medida o dizer não fica restrito a uma pessoa em particular, mas às pessoas que comungam de uma mesma opinião acerca do tema abordado. Vejamos:



Nana Greisia Echbeiba

- (5) Constata-se, ainda, a necessidade de se aprofundar a discussão na área de enfermagem sobre a importância do desenvolvimento de patentes e do registro das mesmas.
- (6) Sabe-se, a partir de uma descoberta na ciência até sua aplicação na sociedade, passam se anos. Assim aconteceu com as teorias linguísticas no que se refere ao ensino de língua e assim foi com os PCNs.

Ainda pensando no modo como o enunciador se constrói e nas múltiplas vozes que permeiam os textos do gênero artigo científico, e sabendo que os discursos de *outrem* aparecem, nesses textos, ora por meio do discurso direto (normalmente, sinalizados por sinais gráficos – aspas, recuos, etc.) ora por meio do discurso indireto (reformulações, paráfrases, etc.), busco, na tabela apresentada a seguir, evidenciar de que forma o discurso de outrem é trazido nos textos examinados.

Tabela 2 - Apresentação do Discurso de Outrem

1 3					
	Enfermagem	Linguística	Psicologia		
Reformulação e/ou síntese das ideias de <i>Outrem</i>	9	28	112		
Fidelidade aos discursos de <i>Outrem</i> (uso de aspas e/ou recuo)	5	58	5		

Fonte: Elaborada pela autora.

Recorrer ao discurso de Outrem é uma estratégia inerente aos discursos científicos. Como podemos perceber, por meio da tabela, a apresentação do discurso de Outrem está condicionada ao contexto próprio de cada área de conhecimento. Percebemos que a Psicologia optou mais por reformulação e/ou síntese das ideias de Outrem. A reformulação permite ao autor do texto misturar a sua voz com a do autor do texto-base, uma vez que as reformulações/sínteses são produzidas a partir de um entendimento que o enunciador tem sobre o texto que serviu de referência (DELCAMBRE; LAHANIER-REUTER, 2015). Nessa medida, essa forma de apresentar o discurso de Outrem acaba pode revelar que posicionamento o autor-produtor do texto assume em relação ao conteúdo desse discurso. No que se refere à manutenção da fidelidade aos discursos de Outrem (uso de aspas e/ou recuo), a tabela mostra que é um recurso mais comum aos textos da área de Linguística. As duas formas de apresentação do discurso de Outrem mencionadas marcam a autoria do discurso, ou seja, mostra de quem é "a



Nana Greisia Eenneina

responsabilidade do dizer" (BRONCKART, 1999, p. 326).

Em relação aos textos, nos quais os autores optaram pela fidelidade aos discursos de *Outrem* (uso de aspas e/ou recuo) foi possível "estabelecer uma distinção entre o discurso citante e o discurso citado" (BOCH; GROSMANN, 2015, p. 285). Sobretudo, as citações permitiram aos enunciadores por meio do "discurso do outro, posição de superposição crítica, de distância ou de avaliação, recuo prudente diante de uma afirmação que não se ousa endossar, etc." (BOCH; GROSMANN, 2015, p. 285); mantiveram a legitimidade/integridade das ideias dos teóricos e evidenciaram a valorização do discurso do outro.

A tabela nos permite afirmar que os autores da área de Psicologia preferem apresentar o discurso de *Outrem* por meio de reformulações e/ou sínteses. Entendemos que as reformulações são uma maneira de o autor resguardar-se, ou seja, o enunciador se vale desse recurso a fim de proteger-se de uma crítica e/ou de marcar a posição de quem estabelece de fato o discurso.

Pode-se dizer que nos textos analisados "o discurso citado é o discurso no discurso, a enunciação na enunciação, mas é ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação" (BAKHTIN, 2002, p. 144), ou seja, o discurso do *outro* deixa de ser apenas o tema tornando-se parte da construção sintática do discurso. Assim, o enunciador se constrói pelas/nas múltiplas vozes que permeiam os textos, estabelecendo a autoria e a autonomia do discurso de *outrem* por meio de regras sintáticas, estilísticas e composicionais. Sendo assim, o discurso interno ('eu', o autor do artigo) ao se relacionar com o discurso externo ('tu', 'outro', os autores do texto base) cria um movimento de socialização no qual a enunciação de *outrem* é recolocada.

Nessa medida, é possível afirmar que na escrita (bem como na fala) não existe palavra neutra, todo enunciado ecoa outras vozes. Em geral, o modo como o autor irá gerir as vozes (se por discurso direto ou por discurso indireto) é determinado pela situação comunicacional (motivação externa). Porém, nenhum autor consegue, efetivamente, promover o seu apagamento, toda enunciação deixa clara uma alternância entre os sujeitos durante o discurso. Essa alternância se fortalece ou se enfraquece evidenciando o nível de envolvimento dispensado pelo autor a partir do endereçamento do texto. É evidente que quanto mais o enunciador quiser marcar ou legitimar o valor



do dizer do texto base mais se manterá afastado do discurso do *outro* e menor será a tentativa de esboçar um diálogo. Contudo, mesmo que o autor "*se apague*" distanciando-se da enunciação (por meio de expressões – por exemplo: "segundo o autor" – ou por meio de sinais gráficos) esse apagamento (afastamento) não se dará por completo uma vez que toda escolha estilística/ estrutural, de algum modo, já é uma forma de posicionamento, já carrega a presença do autor.

De maneira geral, percebemos que os autores dos textos sabem que, como agentes "da ação de linguagem que se concretiza num texto" (BRONCKART, 1999, p. 320), são plenamente responsáveis pelo que enunciam e por esse motivo escolhem formulações (configuram o discurso) que permitem dividir a responsabilidade do dizer, assim não se tornam o único responsável pelo que se é enunciado. Essa escolha está diretamente ligada à situação de produção, ou seja, está diretamente relacionada ao gênero produzido, ao meio de circulação do texto, a quem o texto é destinado e qual é o objetivo de produção do texto.

Sabendo que, na produção textual, os enunciadores, ao se colocarem em diálogo com os discursos de Outrem, acabam por evidenciar alguns elementos que buscam promover a relação entre as ideias abordadas no texto mantendo a articulação entre o seu próprio discurso e aqueles que tomam emprestado de fontes (DELCAMBRE; LAHANIER-REUTER, 2015). É preciso dizer que essas marcas são o que chamamos de operadores argumentativos. Esses operadores, como dito anteriormente, mostram o sentido apontado pela/na argumentação. Sabendo disso, por meio da tabela² a seguir, o procuro identificar a frequência e o papel dos operadores argumentativos na construção do enunciador, em cada área de conhecimento contemplada. Vejamos:

2 A tabela foi construída a partir dos estudos de Ingedore Koch (1992).

Tabela 3 - Operadores argumentativos

	Enfermagem	Linguística	Psicologia
Alternância	1	5	5
R e s u l t a d o / conclusão	10	53	32
Justificativa/ Explicação	12	43	28
Conclusões contrárias	37	67	51
Soma	9	8	11

Fonte: Elaborada pela autora.



Ao comparar os artigos da área da Enfermagem, Linguística e Psicologia, percebemos que há um equilíbrio quanto ao número de ocorrências quando o assunto são os operadores argumentativos que indicam alternância e/ou adição de ideias. Os dados também nos permitem dizer que os artigos da Linguística apresentam um maior número de operadores responsáveis por introduzir ideias conclusivas. Exatamente porque são autores que optam por promover um alto índice de explicações, os artigos dessa área parecem mais dialógicos. Da mesma forma os textos da Linguística estão permeados por um caráter explicativo, ou seja, o texto é carregado de elementos que retomam as ideias anteriores. Em relação aos operadores argumentativos que introduzem uma argumentação contrária, é interessante observar que o operador mais usado é o mas. Cabe lembrar que o mas é tido como um "operador argumentativo por excelência", pois permite que o autor do texto construa sua argumentação a partir da "estratégia do suspense" (DUCROT, 1992, p.36), ou seja, afirma algo e em seguida fornece uma solução que levará o leitor a outra conclusão.

Os operadores argumentativos são responsáveis por revelar o grau de envolvimento do autor do texto, pois são os operadores argumentativos que evidenciam se o autor está ou não engajado em relação ao que está sendo discutido, uma vez que apontam para as conclusões/explicações dos argumentos propostos, selecionam e desenrolam as ideias. Além disso, gerenciam as vozes (do autor, da comunidade científica) existentes no interior dos enunciados, bem como estabelecem relações entre dois ou mais atos de fala, exercendo funções enunciativas: oposição (alternância), contraste, justificativa, explicação, entre outras. Assim os dados nos permitem perceber que os autores definem quais os operadores argumentativos serão usados a partir de uma dada necessidade de comunicação social (necessidade comunicacional).

Os textos da enfermagem em comparação com os outros dois campos de conhecimento apresentam menor utilização desse recurso. Sabendo que essas palavras orientam a argumentação, recuperando elementos do discurso que determinam a sequência da enunciação, poderíamos afirmar que essa falta pode se tornar um dificultador para o leitor.

A análise permite evidenciar, ainda, a variedade lexical da Linguística. Cabe mencionar que, mesmo com a repetição de algumas unidades, o texto não perdeu a clareza, pois, uma vez que os operadores argumentativos são responsáveis



por estabelecer uma relação entre as partes dos textos, esses permitiram um melhor desenrolar das ideias, pois estruturam as relações entre as partes do texto.

Convém mencionar que existem operadores que aparecem apenas em um dado campo científico, por exemplo: a) elementos como "após" (7 ocorrências) e "apenas" (2 ocorrências) foram encontrados somente nos textos da Enfermagem; b) os elementos: "talvez" (3 ocorrências), "por vezes" (2 ocorrências), logo (3 ocorrências), "para tanto" (1 ocorrência), "por vezes" (2 ocorrências), "por exemplo" (3 ocorrências), isto é (9 ocorrências) são utilizados apenas nos textos da Linguística; c) termos como "por sua vez" (2 ocorrências), "visto que" (5 ocorrências), "enquanto" (10 ocorrências), "inclusive" (1 ocorrência), "na medida" (3 ocorrências) e "todavia" (1 ocorrência) aparecem somente nos textos da Psicologia.

Há a ideia, no senso comum, de que os autores de artigos científicos buscam a neutralidade do discurso e afastamento do "eu". Contudo a utilização de modalizadores como "talvez", "inclusive", "apenas" permitem ao leitor perceber a presença (o ponto de vista) dos autores. Vejamos os exemplos:

- (7) Se, por um lado, nesse jornal, o corpo do texto da notícia não apresenta comumente um recorte opinativo que conduza o leitor, por outro, é possível ser no título que isto "clandestinamente" ocorra, o que "talvez" configure, então, um estilo do jornal.
- (8) O consumo de bebidas alcoólicas por adolescentes do sexo feminino tem merecido atenção pelas mudanças ocorridas nos últimos anos no seu padrão de uso. As pesquisas demonstram, inclusive, que elas já estão se aproximando em consumo aos seus pares do sexo oposto (Carlini et al., 2010). Assim, há que se pensar nas implicações desse comportamento para as adolescentes.
- (9) Como lembra Lacan (2003b), a realidade humana não é apenas obra da organização social, mas é uma relação subjetiva que, por estar aberta à dialética patética que tem de submeter o particular ao universal [culmina em] dolorosa alienação e encaminhamento nas represálias da agressividade.

No exemplo 7, o "talvez" inicia uma suposição feita pelo autor, porém mesmo em se tratando de uma hipótese essa escolha dá indícios que ele acredita que a suposição está propensa à comprovação, além disso, funciona como uma



espécie de atenuador, já que de alguma forma reduz o nível de comprometimento entre enunciador e enunciado. Já no exemplo 8, o "inclusive", mais que apresentar o argumento, funciona como forma de destacar o argumento do autor, dessa forma o que ele julga ser relevante para comprovar a informação é destacado a fim de persuadir o leitor quanto à conclusão. Por fim no nono exemplo, o modalizador "apenas" é a forma que de o autor iniciar uma exclusão, reforçando a negação, articulando dois argumentos (o primeiro introduzido pelo apenas e o segundo pelo mas) efetivando uma única conclusão.

Nessa medida, podemos afirmar que a escolha lexical está condicionada ao campo de conhecimento; e que essa escolha está diretamente ligada às práticas de leitura e escrita desenvolvida durante e após o período de formação dos profissionais. Em resumo, o artigo científico, bem como todo texto argumentativo, exige do enunciador a utilização de mecanismos que permitam um melhor desenvolvimento da argumentação.

Considerações finais

O presente trabalho não esgota todas as possibilidades de leitura e análise dos textos observados, sobretudo porque toda leitura é um trabalho subjetivo, além disso, certamente novas análises poderão considerar aspectos não abarcados por esta pesquisa. Mesmo assim, algumas conclusões merecem ser apontadas merecem ser apontadas, tendo em vista as contribuições que podem oferecer ao trabalho do revisor. São elas:

- Em primeiro lugar, vimos que existe variedade com relação ao uso das pessoas do discurso nos artigos estudados; havendo, conforme a área preferência por uma ou outra pessoa.
- Outro aspecto interessante é a variação das pessoas do discurso ao longo de um mesmo artigo, recurso que precisa ser compreendido tendo em vista as diferentes orientações de sentido que cada um das formas empresta ao texto. Os dados nos permitem afirmar que os autores definem quais operadores argumentativos serão usados a partir de uma dada necessidade de comunicação social; que existem operadores que aparecem apenas em um dado campo científico e que a escolha lexical está condicionada ao campo de conhecimento.
- Percebemos também que existe uma regularidade em relação aos mecanismos enunciativos nesses textos, tendo em vista a construção do enunciador. Estando a apresentação



do discurso de "Outrem" condicionada ao contexto próprio da área que os textos analisados, ora essa apresentação acontece por meio da reformulação e/ou síntese das ideias de "Outrem", ora por meio da manutenção da fidelidade aos discursos de "Outrem".

Considero que o estudo possa contribuir para uma maior compreensão acerca da construção argumentativa no gênero artigo científico em diferentes campos do conhecimento, de modo a promover, de fato, uma visão ampliada ao revisor, professor formador e em formação.

ABSTRACT

This article analyzes the argumentative construction of scientific articles in different fields of knowledge, from the examination of how the enunciator is built in the texts. The research aims to provide contributions to the reviewer's acting through the gap in the area of studies on the functioning of academic genres in different areas of knowledge.

KEYWORDS: Construction. Argumentative. Genre Scientific article. Proofreading.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Guilherme Oliveira de; MOLENA-FERNANDES, Carlos Alexandre; MATHIAS, Thais Aidar de Freitas; MARCON, Sonia Silva. Morbidade hospitalar em município de médio porte: diferenciais entre homens e mulheres. **Revista Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 22, n.1, p.1-8, jan./fev. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rlae/v22n1/pt_0104-1169-rlae-22-01-00019.pdf. Acesso em: out. de 2014.

ASSIS, Juliana Alves. "Eu sei mas não consigo colocar no papel aquilo que eu sei": representações sobre os textos acadêmicocientíficos. In: ASSIS, Juliana Alves; BOCH, Françoise;



RINCK, Fanny (Org.). Letramento e formação universitária: formar para a escrita e pela escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6022: informação e documentação - artigo em publicação periódica científica impressa - apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2003. 5p.

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. M. O discurso de Outrem In. Marxismo e Filosofia. São Paulo: Annablume, Hucitec, 2002, p. 144-154

BENITES, Ana Priscila de Oliveira; SCHENEIDER, Daniela Ribeiro. Famílias e consumo de álcool em adolescentes do sexo feminino: uma revisão sistemática. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v.27, n.1, jan./mar. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/prc/v27n1/16.pdf>. Acesso em: out. de 2014.

BOCH, Françoise; GROSSMANN, Francis. Sobre o uso de citações no discurso teórico: de constatações e proposições didáticas. In: ASSIS, Juliana Alves; BOCH, Françoise; RINCK, Fanny (Org.). Letramento e formação universitária: formar para a escrita e pela escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015.

BRONCKART, Jean-Paul. Atividade de Linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo. São Paulo: EDUC, 1999.

COSTA, Adriano Ribeiro da Costa. O gênero textual artigo científico: estratégias de organização. In: II SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO IFPE, 2011. Caruaru. Pernambuco: IFPE, 2011. Disponível em: < http://www.cin.ufpe.br/~lsc4/snct2011/files/SNCTIFPE_0005.pdf>. Acesso em: out. 2014.

DELCAMBRE, Isabelle; LAHANIER-REUTER, Dominique. Discurso de outrem e letramentos universitários. In: ASSIS, Juliana Alves; BOCH, Françoise; RINCK, Fanny (Org.). Letramento e formação universitária: formar para a escrita e pela escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015.

GARCIA, Othon M. Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar. 27. ed. Rio de Janeiro: FGV, Instituto Brasileiro de Economia, 2010. 548 p.



Naka Creisia Eenheina

GROSSMANN, Francis. Por que e como as coisas mudam? Padronização e variação no campo do discurso científico. In: ASSIS, Juliana Alves; BOCH, Françoise; RINCK, Fanny (Org.). Letramento e formação universitária: formar para a escrita e pela escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015.

GUERRA, Andréa Maris Campos; CUNHA, Cristiane de Freitas; COSTA, Maria Helena; SILVA, Thaís Limp. Risco e Sinthome: A Psicanálise no Sistema Socioeducativo. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 30, n. 2, p. 171-177, abr./jun. 2014. Disponível em:< http://www.scielo.br/pdf/ptp/v30n2/06. pdf>. Acesso em out. de 2014.

KOCH, Ingedore V. A interação pela linguagem. SP: Contexto, 1992.

MENEZES, Vanda Cardozo de; COSTA, Wagner Alexandre dos Santos. Operações intertextuais na categoria Título no jornal carioca Meia Hora. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, SC, v. 14, n. 2, p. 233-246, maio/ago. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ld/v14n2/1518-7632-ld-14-02-00233.pdf . Acesso em: out. de 2014.

MUNARI, Denize Bouttelet; PARADA, Cristina Maria Garcia de Lima; GELBCKE; Francine de Lima; SILVINO, Zenith Rosa; RIBEIRO, Luana Cássia Miranda; SCOCHI, Carmen Gracinda Silvan. Mestrado profissional em enfermagem: produção do conhecimento e desafios. **Revista Latino-Am.** Enfermagem, v. 22, n. 2, p. 204-210, mar./abr. 2014. Disponível em:http://www.scielo.br/pdf/rlae/v22n2/pt_0104-1169-rlae-22-02-00204.pdf>. Acesso em: out. de 2014.

PEREIRA, Antonia Alves; KOCH, Ingedore Villaça. Ensino-aprendizagem: referenciação e progressão textual no ensino superior. Trabalho Linguística Aplicada. Campinas, v.53, n.1, p. 183-199, 2014. Disponível em:http://www.scielo.br/pdf/tla/v53n1/v53n1a10.pdf. Acesso em: out. de 2014.

SAYAGO, Beatriz Würdig; LUCENA-SANTOS, Paola; HORTA, Rogério Lessa; OLIVEIRA, Margareth da Silva. Perfil clínico e cognitivo de usuários de crack internados. **Psicologia:** reflexão e crítica, Porto Alegre, v. 27, n. 1, p. 21-28, jan./mar. 2014. Disponível em:< http://www.scielo.br/pdf/prc/v27n1/03.pdf>. Acesso em: out. de 2014.

SILVA, Sandra Regina Ramos; ARCURI, Edna Apparecida Moura; ISABELLA, Adriana Paula Jordão; ARCURI, Silvia Maria; FERREIRA, Jair Lício. Hipertensão em adolescentes



identificada com o manguito correto e seus problemas cardiovasculares e gestacionais após 29 anos. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 22, n.1, jan./fev. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rlae/v22n1/pt_0104-1169-rlae-22-01-00003.pdf>. Acesso em: out. de 2014.

SOUSA, Maria Margarete Fernandes de; OLIVEIRA, Flávia Cristina Candido de. Organizadores temporais e pronomes na construção do texto narrativo. Linguagem em (Dis)curso – LemD, Tubarão, SC, v. 14, n. 1, p. 29- 47, jan./abr. 2014. Disponível em: http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/linguagem-em-discurso/1401/140102.pdf. Acesso em: out. de 2014.

TUTIN, Agnès. Neste artigo, desejamos mostrar que ... Léxico verbal e posicionamento do autor nos artigos de ciências humanas. In: ASSIS, Juliana Alves; BOCH, Françoise; RINCK, Fanny (Org.). **Letramento e formação universitária:** formar para a escrita e pela escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015.

VILELA, Mário; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Gramática** da língua portuguesa: gramática da palavra, gramática da frase, gramática do texto/discurso. Coimbra: Almedina, 2001. 565p.